

QUEERIZANDO O *BILDUNGSROMAN*: DE ALEXINA B. A PAUL PRECIADO

MARCELO BRANQUINHO MASSUCATTO RESENDE (DOUTORANDO)
Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Araraquara, São Paulo, Brasil
(marcelobranquinho9@gmail.com)

RESUMO: O presente artigo visa confrontar a historiografia literária do gênero *Bildungsroman* a partir da leitura de obras de autoria e/ou cunho trans, ou seja, pessoas cuja identidade de gênero transcende o binarismo masculino/feminino, de modo a reler o cânone estabelecido com obras com cunho autobiográfico cujos personagens e/ou autorias se encontram dentro do espectro das identidades trans. Para isso, faremos uma leitura comparada da autobiografia de Alexina B. (ou Herculine Barbin), considerada a primeira do gênero, publicada pela primeira vez em 1874, e o ensaio corporal *Testo Junkie*, conduzido pelo filósofo espanhol Paul Preciado, publicado em 2008. A partir da leitura pretendemos problematizar e confrontar o conceito de *Bildungsroman* enquanto gênero fixo, predominantemente masculino e imutável dentro da historiografia literária ao qual está atualmente circunscrito.

Palavras-chave: *Bildungsroman*. Literatura trans. Paul Preciado. Herculine Barbin.

Artigo recebido em: 23 jun. 2020.
Aceito em: 21 jun. 2020.

QUEERING THE BILDUNGSROMAN:
FROM ALEXINA B. TO PAUL PRECIADO¹

ABSTRACT: This article aims to confront the literary historiography of the *Bildungsroman* genre departing from the reading of works written by and/or belonging to trans nature, that is, people whose gender identity transcends that of male/female binarism, in order to reread the established canon with works that have an autobiographical stamp whose characters and/or authorship find themselves within the spectrum of trans identities. In this sense, we will establish a comparative reading of the autobiography of Alexina B. (or Herculine Barbin), considered the first of its kind, published for the first time in 1874, and the body essay *Testo Junkie*, conducted by Spanish philosopher Paul Preciado, published in 2008. From the reading we intend to problematize and confront the notion of *Bildungsroman* as a fixed genre, predominantly masculine and immutable within the literary historiography to which it is currently circumscribed.

Keywords: *Bildungsroman*. Trans literature. Paul Preciado. Herculine Barbin.

O espectro da modernidade ainda sonda a literatura e sua historiografia neste início de século XXI. A noção contemporânea de “romance” ainda traduz o signo de um pensamento iluminista que se materializa no campo estético literário, cujo início foi marcado pela publicação de *Robinson Crusóé* (1719). Essa forma literária seria posteriormente reconhecida e conseqüentemente cristalizada no século XVIII com a publicação do romance goethiano *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795-96), posteriormente reconhecido como expoente do chamado *Bildungsroman*, cristalizado em língua portuguesa como romance de formação, ou de educação (MAAS, 2000). O mencionado romance de Goethe, como denuncia seu título, acompanha a formação educacional do personagem do título, por sua vez um representante da burguesia alemã, que encontrava em seus estudos e sua formação literária a fórmula para atingir os

¹ Pesquisa financiada pela FAPESP.

princípios burgueses daquela sociedade, visando a um ideal teleológico de homem racional prototípico do pensamento iluminista.

Mesmo antes do surgimento da obra de Goethe e sua continuação (*Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister*), era comum a publicação de romances que girassem em torno do processo de amadurecimento artístico e/ou formacional de seus protagonistas ao passar de anos, vulgo *Pamela* (1740-41) e *Clarissa* (1747-61), de Samuel Richardson, entre outros. A diferença entre os romances ingleses mencionados e o de Goethe está na forma, já que as obras de Richardson encontraram na forma epistolar o modo de narrar o amadurecimento de suas protagonistas, enquanto o escritor alemão buscava no romance, gênero ainda incipiente e pouco aceito entre a crítica literária, a forma pela qual poderia traduzir a teleologia e formação contínua de seus personagens.

O gênero do romance de formação também pode ser encontrado no âmbito filosófico, a exemplo das *Confissões* (1782), de Rousseau. Nessa obra, a resposta do filósofo francês é patológica, pretendendo por a nu seu coração com uma literatura intimista, que expõe sentimentos bem particulares do autor. O texto de Rousseau é um marco e não está ligado apenas à questão religiosa, pois o filósofo usa esse instrumento de purificação (a confissão) com o intuito de que o mundo soubesse de suas fraquezas e dores. Embora seja um conteúdo intimista, a linguagem é clássica. Enquanto Goethe pretende ser lembrado como o príncipe dos poetas, Rousseau chega a ter um papel apolíneo, dionisiaco, mostrando algumas características até mesmo perversas, como na observação que faz sobre o castigo recebido de uma *mademoiselle*, que mais lhe trazia prazer do que dor. Rousseau revela seu espírito sensível e tímido, sua licenciosidade e falta de jeito para estar em público. Essas são as características que predominam no texto filosófico de formação canônica representado por *Confissões*.

Avançando para a narrativa do século XIX que se expressa pela forma romanesca, agora já cristalizada e com melhor aceitação no âmbito da crítica literária, podemos verificar sua construção a partir de um realismo, como é o caso de Charles Dickens em *David Copperfield*, ou de sua recusa, como aponta Franco Moretti (2020) em relação a *Educação sentimental* e à maior parte dos romances de formação franceses do século XIX enquanto recusas às características extremamente realistas. Lukács (1994) teoriza sobre romances que se dão a partir de subjetividade, de memórias individuais, de modo que o coletivo surge normalmente associado à forma épica, enquanto que a memória, o afeto e o desejo são formas individuais que apresentam a dicotomia presente entre a memória coletiva e a subjetiva, traços normalmente recorrentes no romance. Para Lukács, *Wilhelm Meister* é uma forma conciliadora entre o

excesso de subjetividade e a coletividade épica. Já para Moretti, apesar de discordar em partes:

Lukács tem razão nesse ponto: Balzac não “descreve”, ele “narra”, e serve-se da sociologia para a construção do enredo. Ou melhor, para modificar a própria concepção do enredo narrativo, que não é mais “violação” das leis do mundo, mas sim sua plena e irresistível aplicação. Daí também um novo tipo de herói romanesco. Lucien de Rubempré não é o protagonista de um dos maiores romances do século XIX porque é dotado de características consideradas significativas em si – como, pelo que sei, a versatilidade de Wilhelm Meister, o orgulho de Julien Sorel, a ingenuidade de David Copperfield –, mas sim porque não possui característica nenhuma. (MORETTI, 2020, p. 244-245)

A divergência das visões dos dois pensadores consiste basicamente no fato de que Lukács dá preferência por uma visão sociológica do romance do século XIX, e portanto, épica, em que o narrador descreve, enquanto, para Moretti, o narrador não narra uma realidade objetiva, mas esmiúça aquilo que está escondido dentro de um aparente realismo.

Para além do berço europeu, esse gênero também foi assimilado por escritores de outros países e continentes. De acordo com Maas (2000), o *Bildungsroman* passa a ocupar uma importância dentro da crítica literária brasileira:

Acompanhar a trajetória do gênero *Bildungsroman* ao longo da história literária significa acompanhar a evolução, involução e estabilização da própria historiografia; como também os processos de assimilação e deglutição dos paradigmas universalmente aceitos como “cânone ocidental” pelas literaturas mais jovens das Américas. É assim, por exemplo, que a crítica literária no Brasil se dispõe a reconhecer a existência de um *Bildungsroman* brasileiro, transfigurado e antropologizado por um viés antieurocêntrico que viu no idealismo burguês e masculino do romance de Goethe um exemplo de chauvinismo literário. (MAAS, 2000, p. 16)

Sendo assim, os exemplos de romances de formação brasileiros cristalizados pela crítica até o momento são centrados em romances como *Jubiabá* (1935), de Jorge Amado, em que acompanhamos o desenvolvimento e amadurecimento de um lutador, mais precisamente de seus aspectos físicos e corporais, sem o mesmo foco na formação intelectual característica do cânone europeu. Percebemos, portanto, que mesmo com a assimilação cultural do gênero, o espectro de Goethe se faz presente seja na figura do autor ou de

protagonista, no sentido de que ambos refletem a construção de uma identidade masculina a partir dos ideais iluministas e burgueses de acumulação de capital, força física e/ou intelectual para um fim específico – a formação teleológica do sujeito, seja ela intelectual ou física. No caso de *Jubiabá*, é preponderante a força física para a formação do sujeito protagonista.

Paralelamente à construção e cristalização do romance de formação centrado na figura masculina, seja de seus autores ou protagonistas, bem como o reconhecimento e cidadania da forma romântica canonizada pela historiografia ocidental, há uma miríade de obras similares às citadas previamente no que diz respeito às sexualidades dissidentes, mais especificamente, na construção da identidade de pessoas que relatam seu sofrimento psíquico e físico por não se identificarem com os gêneros pré-estabelecidos como masculino e feminino, e assim, utilizarem o relato autobiográfico como memória de suas impressões e ideias acerca do mundo. Tais personagens são denominadas, portanto, como pertencentes ao espectro da identidade trans (BERUTTI, 2011).

Neste artigo, pretendemos nos debruçar sobre o que seriam dois paradigmas do romance de formação trans, ao pensá-lo a partir de uma perspectiva historiográfica: a autobiografia *Mes souvenirs*, de Herculine Barbin ([1874] 2014), considerada o marco inicial do gênero até o presente momento, até a obra *Testo Junkie*, do filósofo espanhol Paul B. Preciado ([2008] 2018), de modo a comparar os modos de narrar uma mesma subjetividade em contextos bastante diferentes: a segunda metade do século XIX, marcada pelo positivismo científico, e por outro lado, o início do século XXI, marcado pelo vazio deixado pelas teorias pós-estruturalistas, pela busca da superação da modernidade e pela recente (apesar de ainda tímida) liberdade concedida às pessoas transexuais no reconhecimento e validação de sua identidade de gênero.

Publicada pela primeira vez no anos de 1874 por um médico legista francês e posteriormente resgatada por Michel Foucault nos anos 1970, sendo republicada em sua versão integral, a autobiografia de Alexina B. – chamada Herculine Barbin, uma cuidadora de uma adolescente pela qual se apaixona – apresenta traços característicos das obras literárias publicadas por filósofos do século XVIII, em que suas vidas são expostas ao leitor por meio de relatos confessionais acerca de seus desejos e fraquezas. Os diários de Alexina, desde o início da narrativa, são perpassados pelo fato de que ela era considerada anormal, e como consequência, era rejeitada pela sociedade devido ao seu diagnóstico médico patologizante de hermafrodita. Após receber o exame de um médico legista, Alexina foi forçada a assumir a identidade masculina socialmente e impedida de continuar sua profissão de cuidadora de uma garota de família rica, por quem estava apaixonada. Por se tratar de um caso específico

em que a confusão entre sexo biológico e papel de gênero social são confundidos, podemos considerar a mencionada autobiografia como uma publicação pioneira no que se refere a narrativas protagonizadas por pessoas que não se identificam com seu sexo biológico, ou seja, o que atualmente nos referimos como “transgeneridade” ou “identidades trans”.

De acordo com os estudos de Patrick Califia (2003) e Genny Beemyn (2013), a literatura de autoria trans é marcadamente de cunho autobiográfico, podendo ser dividida em dois períodos distintos, sendo o primeiro uma etapa em que as autobiografias eram escritas por pessoas que relatavam sua condição em um contexto de não-aceitação e preconceito, como pode ser percebido a partir da autobiografia de Alexina B. A segunda onda, por sua vez, seria caracterizada pela consciência de gênero e por uma escrita mais militante, como é o caso da autobiografia de René Richards, publicada em 1983, uma famosa ex-tenista norte-americana. A fama que Richards carregava devido à sua profissão contribuiu para que uma enorme polêmica fosse criada em torno da publicação do livro, recebido como um signo não somente de exposição de vida pessoal, mas principalmente como uma manifestação política que reivindicava os direitos de um corpo dissidente, qual seja, o corpo de uma mulher transgênero que não se subordinava ao discurso hegemônico da heteronormatividade.

Para título de curiosidade, as autobiografias de pessoas trans também produziram um impacto significativo e assimilação nas literaturas latinas algum tempo depois. Durante o Brasil dos anos 1980, o lançamento de autobiografias e/ou biografias de pessoas trans se tornou um fenômeno de vendas após a publicação de *A queda para o alto*, de Anderson Herzer, em 1982; sendo seguida pelas publicações de *João ou Joana?* (1984), de João W. Nery, *A princesa* (1995), de Fernanda Farias de Albuquerque e Mauricio Janelli, entre outros. O caso brasileiro se assemelha ao norte-americano, uma vez que as autobiografias mencionadas traziam narradores em busca de afirmação e reivindicação de uma identidade, bem como de seus direitos.

Por outro lado, de acordo com Resende (2019), a historiografia trans pode ser dividida em duas fases. A primeira consistiria em textos como a já mencionada autobiografia de Alexina B., a autobiografia do Chevalier d'Eon de Beaumont e o romance autobiográfico creditado a Lili Elbe (a primeira mulher a passar por uma cirurgia de redesignação sexual) no início do século XX, que escreve um romance em terceira pessoa sobre sua vivência enquanto um homem preso no corpo de uma mulher. A segunda fase aconteceria a partir do ano de 1928, com a publicação de *O poço da solidão*, de Radclyffe Hall, e *Orlando*, de Virginia Woolf, ou seja, a perspectiva de uma literatura trans a partir do ponto de vista temático, e não somente envolvendo a dimensão autoral.

Apenas alguns meses separam a publicação dos dois romances ingleses, que carregam muitas semelhanças entre si. O romance de Hall narra a história de Stephen Gordon, uma mulher batizada com um nome tido como masculino, andrógina e lésbica, vista como um ser anormal e obscuro aos olhos da sociedade londrina da época. Com isso, a personagem se exila na Paris do início do século XX e posteriormente volta à Inglaterra para servir o exército na Primeira Guerra Mundial.

Já o romance de Woolf retrata a história de um aristocrata do século XVI que se transforma em mulher na metade da narrativa, e portanto se vê obrigado a fazer as devidas adaptações físicas e de vestimenta para viabilizar a convivência com a alta sociedade da época. Orlando também se vê obrigada ao exílio no momento em que enfrenta a possibilidade de perder sua herança, uma vez que o governo percebe que sua fisicalidade não corresponde ao sexo masculino que consta em seus documentos. Além disso, o romance acompanha a trajetória de sua protagonista ao longo de cinco séculos, culminando na Inglaterra do século XX, contemporânea à publicação do romance.

A repercussão tão negativa com a qual *O poço da solidão* se deparou entre a sociedade londrina à época de sua publicação fez com que a obra fosse juridicamente retirada de circulação, e permanecesse proibida por quarenta anos. O espanto com que a obra fora lida e recebida se deve ao fato de retratar explicitamente o lesbianismo de Stephen, bem como possivelmente o fato de a/o protagonista pertencer a um terceiro sexo. Na audiência que marcou a decisão final de sua proibição, Virginia Woolf foi uma das pessoas convidadas a falarem em defesa da circulação do romance.

Orlando, apesar de não ter sido bem recebido pela crítica à época de sua publicação, não teve uma repercussão tão negativa quanto o romance de Hall. Muitos críticos literários leram a obra de Woolf como uma declaração de amor à sua amante, Vita Sackville-West. Outros subestimaram a capacidade de significação da obra, uma vez que a viram como inferior em relação à qualidade da literatura dos romances anteriores escritos por Woolf.

Os dois romances, além de trazerem personagens trans, andróginos ou pertencentes a um “terceiro sexo”, também podem ser considerados históricos, uma vez que trazem seus protagonistas testemunhando mudanças sociais ocorridas na modernidade, seja no passeio de Orlando pela Inglaterra dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, seja pelo exílio de Stephen Gordon na França do início do século XX e pela Inglaterra da Primeira Guerra Mundial. Relembrando as palavras de Maas (2000), o discurso histórico está intrinsecamente relacionado à história do romance e especialmente do *Bildungsroman*, uma vez que ele serviu não só como um reflexo de mudanças socioeconômicas, históricas e políticas, mas também como um agente de transformação e rompimento de

paradigmas, um papel fundamental dos discursos da arte, pois, como aponta Foucault (1996), a criação de um discurso que tenha como base um fundamento minimamente material é uma forma de criar novas realidades, novos paradigmas, de modo a reforçar ou romper com poderes estabelecidos.

Com esse artigo, queremos reivindicar o estatuto de um *Bildungsroman* queer, uma vez que ele integra uma importante dimensão de exclusão, patologização e opressão da modernidade que ainda está em vias de ser superada pelos discursos políticos, estéticos e artísticos do século XXI. Para que essa superação ocorra de fato e o futuro não consista em uma utopia queer, é necessário compreenderem-se os processos narrativos que nos conduziram até o presente momento, e a literatura queer é uma ferramenta fundamental para alcançar esse entendimento. A nossa definição de *queer* é aquela que, de acordo com David Halperin, designa “tudo o que não condiz com o normal, o dominante, o legítimo. [...] portanto, o *queer* não delimita uma positividade, mas uma posição em relação ao normativo” (2000, p. 75). Dessa forma, é possível considerar que as personagens de Woolf e Hall, bem como xs autorxs das autobiografias trans mencionadas, foram sujeitos desviantes da dita normalidade em seus respectivos contextos e vivências. Importante apontar que o *queer* não se restringe somente às sexualidades dissidentes da modernidade, mas que serve como um termo guarda-chuva que engloba todas as diferenças e diversidade – de raça, classe, gênero, sexo, entre outros, não levando em consideração as possíveis arbitrariedades e limitações decorrentes da inclusão de diferentes dimensões e subjetividades em apenas um termo cujo berço foram as universidades estadunidenses (MORAIS, F.L.; NIGRO, C. M. C; BENFATTI, F. A. R.; et al, 2019).

O ensaio de uma tentativa de superação da modernidade já pode ser verificada em muitas obras publicadas na primeira metade do século XX. Os mencionados romances de Woolf e Hall são exemplos de experimentações identitárias que caracterizam rompimentos ideológicos com a modernidade a partir de narrativas centralizadas em sujeitos *queer* que são rejeitados pelas sociedades em que estão inseridos, algo que já estava explícito em textos como o de Alexina B. É possível observar que o advento das teorias pós-estruturalistas foi antecipado pelas inovações estéticas do modernismo literário (HUYSSSEN, 1987), que, apesar de todas as diferenças surgidas com sua assimilação por diferentes culturas e literaturas, em sua maioria buscavam um rompimento com o discurso do progresso do século XX. As teorias pós-estruturalistas, de forma resumida, materializaram no plano da teoria os vazios e limitações da linguagem desnudados pelos escritores modernistas.

Com o vácuo teórico e ideológico deixado pelas teorias do pós-estruturalismo, é possível enxergar que a até então aparente estrutura fixa do

romance e de seus gêneros – incluindo o *Bildungsroman* – passa a ser passível de questionamentos. Se a cidadania do romance enquanto forma foi legitimada paralelamente à ascensão do romance de formação, um signo dos ideais da modernidade e da burguesia, seria possível romper com esses ideais na pós-modernidade - cujo prefixo denota uma suposta superação ideológica de tais princípios. Assim, tornaram-se comuns, a partir dos anos 1960, a publicação de autobiografias que poderiam ser reconhecidas como romances de formação ou até mesmo como romances autobiográficos de pessoas trans. Em 2008, o filósofo espanhol Paul B. Preciado publica *Testo Junkie*, uma espécie de ensaio confessional acerca de sua transição para o gênero masculino. Preciado faz uso de seu próprio corpo como objeto de estudo e experimentos para a influência das indústrias farmacêutica e pornográfica nas arquiteturas corporais do início do século XXI, que abarca principalmente pessoas em fase de transição de gênero.

A obra mencionada do filósofo espanhol não foi exatamente uma publicação inédita em termos de forma, uma vez que o próprio Rousseau havia publicado suas confissões e memórias no século XVIII. No entanto, em termos de conteúdo, *Testo Junkie* oferece uma visão oposta àquela do filósofo iluminista no que diz respeito ao aspecto teleológico da obra, já que o objetivo de Preciado, ao narrar sua transição e seu uso de hormônios, não é o de construir uma subjetividade em constante evolução, mas a busca pela superação do ideal de um corpo canônico, qual seja, o de um corpo masculino que vá ao encontro dos ideais de razão e força física da modernidade. A transição para o gênero feminino não traduz a idealização do sujeito teleológico, mas sim a ideia de um sujeito perenemente em transformação e em busca de descobrir as potências soterradas do corpo.

Ao contrário da obra de Preciado, a autobiografia de Alexina B. traz o registro memorial de um sujeito que se encontra deslocado de seu tempo, um sujeito em busca de mitos fundadores de sua identidade, que não encontra respaldo na historiografia de seu tempo, como quando confessa que: “fiquei especialmente abalada com a leitura das metamorfoses de Ovídio. Aqueles que a conhecem podem ter uma ideia. Este achado teve um significado em particular que o restante de minha história deixará bem claro” (BARBIN, p. 41, tradução nossa)². Ou seja, a introdução da personagem já sugere um deslocamento em relação às identidades cristalizadas no período, sugerindo para Alexina não um

² *J'avoue que je fus singulièrement bouleversée à la lecture des metamorfoses d'Ovide. Ceux qui les connaissent peuvent s'en faire une idée. Cette trouvaille avait une singularité que la suite de mon histoire prouvera clairement.*

destino de formação teleológica, mas uma predestinação trágica devido à sua condição.

Alexina B. trabalha como cuidadora de Sara, a filha de um lar burguês extremamente católico. As duas acabam por desenvolver um romance escondido das freiras que são donas e administradoras desse lar. Por aparentemente se tratar de um relato de situações reais que envolvem personagens reais, todos os nomes, exceto pelo de Sara, são omitidos da narrativa, uma vez que a narradora opta por utilizar apenas as iniciais dos nomes, algo similar ao que é visto em *Teresa filósofa*, um *Bildungsroman* do século XVIII – cuja autoria é desconhecida – que guarda similaridades com as memórias de B., uma vez que ambas as obras se passam em ambientes eclesiásticos e de descoberta sexual de suas protagonistas. Nas duas obras, os nomes dos personagens são omitidos, sendo restritos às suas iniciais.

A narrativa de Alexina B. serve como um retrato cuidadoso do sofrimento físico e psíquico ao qual eram submetidos sujeitos trans desviantes da heteronormatividade. Percebe-se como as instituições religiosas, médicas e jurídicas convergem na vigilância do espaço privado para fazer valer uma hegemonia discursiva da economia heterossexual e cisgênera, evidenciando que a modernidade e a cisheteronormatividade são duas faces de uma mesma moeda no que diz respeito ao regulamento de uma ideologia que aparentemente funcionava de forma invisível, tamanha a sua cristalização e dominação nas sociedades do século XIX.

As páginas do relato giram em torno principalmente do sentimento de estranhamento da protagonista, que reivindica sua identidade feminina perante uma sociedade que a obriga a assumir uma masculinidade perante o espaço público, e também dos momentos íntimos e do romance vivido com Sara, sua paixão. Após passar por um exame com um legista, é constatado no corpo de Alexina a presença de uma genitália masculina em conjunto com a sua vagina, o que faz com que ela receba o diagnóstico de hermafrodita, na época um termo patologizante advindo do campo médico para caracterizar as pessoas que nasciam com as genitálias masculinas e femininas.

A partir de então, Alexina B. é forçada a assumir o papel masculino perante a sociedade, já que aparentemente seu pênis e traços corporais considerados masculinos se sobressaíam em relação a seus traços femininos. A consequência disso é a expulsão de seu trabalho, a perda de contato com Sara, e a perda de sua subjetividade e identidade, negadas pela sociedade da época, que ainda vivia sob o paradigma da indistinção entre sexo e gênero como categorias biológicas.

Mais adiante da narrativa, já amargurada em relação a todos os donos do convento em que trabalhava e em relação aos médicos legistas responsáveis

pelo diagnóstico patologizante, Alexina B. volta a mencionar a obra de Ovídio ao pensar em sua amada:

Quem, nos vendo tão entrelaçadas, poderia ter descoberto o drama misterioso dessas duas jovens vidas de aparências tão calmas, tão doces? O verdadeiro às vezes não vai além de todas as concepções do ideal, por mais exagerado que seja? As metamorfoses de Ovídio não foram além? (BARBIN, 2014, p. 111, tradução nossa)³

É possível identificar nesse trecho um questionamento de Barbin em relação a um ideal. Em sua autobiografia e sua transformação forçada, a personagem confronta o sujeito ideal de sua época, recorrendo à obra ovidiana, que apresenta Tirésias, Hermafrodito, entre outros, que representavam a idealização do sujeito a partir da união do masculino e do feminino. Como Foucault afirma, os poderes e narrativas que mediam as subjetividades são discursivos e estão sujeitos às circunstâncias de suas respectivas épocas e períodos históricos.

Saltando do século XIX para o início do século XXI, temos a autobiografia ensaística de Paul Preciado, que inicia trazendo um questionamento de Derrida sobre a vida sexual dos filósofos, até então jamais objeto de estudo e/ou exposição. O filósofo espanhol justifica, portanto, sua decisão de expor não somente suas experiências sexuais como também as suas injeções de testosterona e hormônios masculinos para completar a sua transição para o gênero masculino. Além disso, Preciado relata detalhes de seu relacionamento com a filósofa e escritora francesa Virginie Despentes, bem como da vida íntima do casal.

Com o definhamento da noção de ontologia do corpo a partir das contribuições cristalizadas pelo pós-estruturalismo, o questionamento do gênero como algo discursivo e conseqüentemente, cerceador e castrador de uma potencialidade corporal parece ser a primeira frente de embate para a construção de uma nova arquitetura corporal para os corpos dissidentes do século XXI. Sendo assim, Preciado parte de sua observação acerca do Antropoceno⁴ e da plasticidade das identidades atuais, permitidas em grande

³ *Quel homme nous voyant ainsi enlacées eût pu découvrir le drame mystérieux de ces deux jeunes existences en apparences si calmes, si douces? Le vrai ne dépasse-t-il pas quelquefois toutes les conceptions de l'idéal, quelque exagere qu'il puisse être? Les metamorfoses d'Ovide ont-elles été plus loin?*

⁴ Termo criado para designar a interferência humana na formação da natureza, como as ilhas de resíduos e embalagens plásticas formada no Oceano Índico (HARAWAY, 2016). Donna J. Haraway (2016) também nomeia o atual período geológico de “Capitaloceno”, uma vez que seria consequência direta não do ser humano em si, mas dos modos de vida arquitetados pelo

parte pela influência das indústrias farmacêutica e pornográfica na construção de subjetividade e identidade do corpo. Na visão de Preciado, o sexo e a sexualidade se transformaram no centro da atividade política e econômica:

Este livro não é uma autobiografia, mas um protocolo de intoxicação voluntária à base de testosterona a respeito do corpo e dos afetos de B.P. Um ensaio corporal. Uma ficção, na verdade. Se for preciso levar as coisas ao extremo, é uma ficção autopolítica ou uma autoteoria. Durante a escrita deste ensaio, ocorreram duas transformações externas no contexto do corpo experimental cujo impacto não pôde ser considerado como parte deste estudo, no entanto, essas transformações criaram limites em torno dos quais se adere a escrita. [...] Meus sentimentos, pelo fato de serem exclusivamente meus, não me interessam: pertencem a mim e a mais ninguém. Não me interessa sua dimensão individual, mas sim como são atravessados pelo que não é meu. Ou seja, por aquilo que emana da história de nosso planeta, da evolução das espécies, dos fluxos econômicos, dos resíduos das inovações tecnológicas, da preparação para as guerras, do tráfico de escravos e de mercadorias, da criação de hierarquias, das instituições penitenciárias e de repressão, das redes de comunicação e vigilância, da sobreposição de técnicas e de grupos de pesquisa de mercado e de blocos de opinião, da transformação bioquímica da sensibilidade, da produção e distribuição de imagens pornográficas. (PRECIADO, 2018, p. 13-14)

O rompimento do texto de Preciado com o *Bildungsroman* tradicional não se dá somente no plano da forma – uma vez que o próprio autor evita a classificação e a circunscrição do mesmo em um gênero específico – mas também no seu conteúdo, que rejeita o individualismo presente na ficção de formação, característica própria do romance burguês. Ao contrário da epopeia, que buscava representar o sentimento de uma nação e de uma comunidade, o sentimento de individualismo presente no sistema capitalista proporcionou a consolidação do romance como a representação de uma subjetividade individual inserida em um meio capitalista (BAKHTIN, 1997), separada da sociedade e comunidade em que vive.

Assim como as *Confissões* de Rousseau, Preciado expõe suas fraquezas e dores, porém de uma forma não de torná-lo vulnerável, mas para expor as arquiteturas e o funcionamento sistemático de indústrias onipresentes no cotidiano, que moldam as atuais subjetividades e fisicalidades.

capitalismo de hiperconsumismo. Na obra de Preciado, é usado como um signo da interferência da indústria capitalista não só no âmbito sociopolítico, como também nas mudanças climáticas e ambientais.

O texto de Preciado, que pode ser lido como um romance de formação, começa de forma não-linear, que se manifesta como a primeira diferença formal em relação à obra de Alexina B. e às obras de outros filósofos do século XVIII, como o próprio Rousseau. O ponto de partida de sua escrita é a morte de seu amigo William, que lhe motiva a começar a injetar TestoGel, um hormônio para dar início à sua transição para o que se concebe socialmente como sexo masculino. O foco de Preciado, desde o início, é nas tecnologias corporais disponibilizadas pela indústria farmacêutica que utilizamos para a materialização de um gênero:

Uma máquina de cortar cabelo, um espelhinho, uma folha branca, um saco plástico, uma cola hipoalergênica para uso facial, uma dose de 50mg de testosterona em gel, um lubrificante, um gel de dilatador anal, uma cinta peniana com um dildo realista de borracha de 24x6cm, um dildo realista preto de borracha de 25x6cm, outro dildo ergonômico preto de silicone de 14x2cm, um barbeador e um creme de barbear, uma bacia plástica com água, uma toalha branca e um livro [...]. Sento no sofá, olho como metade da minha cara entra no espelho: tenho o cabelo curto e escuro, as lentes de contato desenham uma fina auréola em volta da íris, minha pele é irregular, às vezes muito branca, às vezes salpicada de brilhos rosados. O espelho recorta um pedaço do meu rosto, impassível, sem centro. Fui definida como mulher, mas esse fato não pode ser percebido na imagem parcial do espelho. (PRECIADO, 2018, p. 18-19)

O trecho citado, que surge logo no início do livro, evidencia quais são os objetivos de Preciado com a escrita de *Testo Junkie*. Enquanto a intimidade de Alexina B. fora exposta sem seu consentimento por um médico legista e pela comunidade eclesiástica, cumprindo regras da heteronormatividade da França do século XIX, aqui Preciado voluntariamente expõe a sua intimidade e a sua transição, de modo a assumir o controle da narrativa de sua transgeneridade, não permitindo que os dispositivos biopolíticos discursivos o façam. Preciado se apropria de recursos desenvolvidos pela indústria farmacêutica, como a testosterona em gel, para construir a narrativa que vai permear as confissões de sua transição.

Outro ponto de ruptura em relação a Alexina B. consiste no fato de que Preciado não tem receio de confessar seus desejos sexuais a cada uma de suas frases. Se o pós-estruturalismo desnudou os mecanismos discursivos que assujeitam nossa subjetividade e a impelem a se moldar perante categorias binárias de gênero e raça, aqui Preciado se aproveita disso para se apropriar cinicamente das tecnologias de gênero em função de seus desejos:

Enfio cada um dos dildos nas aberturas da parte inferior do meu corpo. Primeiro o preto realista, depois o ergonômico no ânus. Para mim, é sempre mais fácil enfiar qualquer coisa no ânus, um espaço multidimensional, sem limites ósseos. Desta vez não é diferente. Estou de costas para a câmera, com os joelhos, as pontas dos pés e a cabeça apoiados no chão, os braços esticados sobre as costas segurando os dildos em meus orifícios. (PRECIADO, 2018, p. 21)

Ao descrever o processo que envolve sua transição, Preciado assume publicamente algumas de suas inseguranças e incertezas por estar realizando a aplicação de testosterona:

O que fazer com meu desejo de transformação? O que fazer com todos os anos em que me defini como feminista? Que tipo de feminista serei agora: uma feminista viciada em testosterona, ou melhor, um transgênero viciado em feminismo? Não me resta alternativa além de rever meus clássicos, submeter as teorias ao sobressalto provocado pela prática de tomar testosterona. Aceitar que a mudança que acontece em mim é mutação de uma época. (PRECIADO, 2018, p. 23)

É por meio dessa introdução extremamente pessoal e confessional que Preciado dará o tom para seu livro, intercalando sua história de vida desde a infância com teorias a respeito do desenvolvimento das indústrias farmacêutica e pornográfica, bem como a articulação dessas duas indústrias para, no século XXI, penetrar na intimidade da vida biopolítica e psíquica dos poderes reguladores de gênero. Sua primeira lembrança de infância se passa nos anos 1970, quando nasceu, em que há o começo de um declínio da indústria automobilística, rememorando a coleção de carros que seu pai possuía e que fazia parte de seu negócio, carros esses que posteriormente precisaram ser vendidos para compensar a sua ruína econômica. Com essa memória, Preciado articula sobre a possibilidade de “esboçar um novo mapeamento das transformações da produção industrial durante o último século, usando como eixo a gestão política e técnica do corpo, do sexo e da sexualidade. Em outras palavras, hoje é filosoficamente relevante realizar uma análise somatopolítica da economia mundial” (PRECIADO, 2018, p. 26).

Essa é a deixa para o filósofo espanhol dar início às elocubrações sobre o desenvolvimento do capitalismo ao longo da Segunda Guerra Mundial, dando especial atenção à criação da pílula anticoncepcional e à cirurgia de faloplastia enquanto dispositivos de controle sexual. O segundo eixo de atenção de Preciado recai sobre a mansão da Playboy, que segundo ele, faz parte de uma nova economia mundial, que “depende de que todo o planeta se renda a uma forma

de arquitetura urbana em que megacidades miseráveis convivem com altas concentrações de capital sexual” (PRECIADO, 2018, p. 36). Assim, a indústria pornográfica, aqui resumida pelo signo da mansão da Playboy, se ocuparia da dimensão psíquica, ou semiótica-técnica, da regulação das tecnologias de gênero.

A oscilação entre vida privada e teoria permeia todo o livro de Preciado, que nos oferece detalhes sobre a evolução de sua transição e seu relacionamento com a filósofa francesa Virginie Despentes, autora de *Teoria King Kong* e a trilogia *Vernon Subutex*. Em um subcapítulo intitulado “Que se foda Beauvoir”, o filósofo conta que:

Faz mais de dois meses que V. D. e eu nos vemos para trepar. Faz praticamente o mesmo tempo que me aplico testosterona. Ultimamente ela brinca com os meus sentimentos. Deixa-se comer como uma puta, mas chora depois porque lhe falta isso, lhe falta aquilo, porque não esqueceu n, n+1... Passo quatro dias sem me aplicar uma dose de Testogel. Quando ela me rejeita, sinto a subida dos estrogênios, noto que posso chorar a cada instante. Mas me contenho para não ficar como uma idiota apaixonada. Sinto que, sob minha pele, se levanta de novo o monstro do meu programa cultural feminino: fui treinada para sentir como uma mulher, para sofrer como uma mulher, para amar como uma mulher. A testosterona não é suficiente para modificar esse filtro sensorial. Que se foda a Beauvoir. Que se foda o feminismo. Que se foda o amor. (PRECIADO, 2018, p. 346)

Para Preciado, a força orgásmica é o alvo principal de exploração do capitalismo farmacopornográfico, por conta da lógica de gestão molecular da vida que perpassa essa economia ideológica. O livro também evidencia que alcançar as tecnologias de modificação corporal é o equivalente ao alcance do gozo que o herói goethiano Wilhelm Meister alcançaria por meio da evolução educacional, por meio das leituras e da busca dos ideais burgueses. A forma como o alcance do gozo encontra-se atualmente associado à sexualidade e às performances de gênero mostra que esse é o eixo principal em torno do qual o capitalismo está estruturado.

A forma que Preciado encontra para driblar essa gestão que indissocia a vivência do gozo é que os dissidentes, os marginais e os pervertidos apresentem e ocupem os espaços psíquicos de sexualidade e desejo, apresentando assim uma possibilidade somática e política de resistência ao sistema atual, assim produzindo um hackeamento desse sistema. É assim que *Testo Junkie* pode ser lido como um *Bildungsroman*, um manual de sobrevivência pedagógica para quem ousa ser *queer* no século XXI, se alinhando de forma subversiva a uma

tradição eurocêntrica que sempre apresentava um herói/protagonista do sexo masculino, branco, normalmente heterossexual e de classe abastada.

Concluindo o raciocínio traçado ao longo do artigo, pensar na literatura trans em toda a sua variedade de formas e expressões é pensar sobre a limitação do *Bildungsroman* enquanto gênero e do romance enquanto forma para expressar as subjetividades contemporâneas, cada vez mais cristalizadas e potencializadas por narrativas construídas por Preciado, bem como por propostas historiográficas que resgatam narrativas trans de séculos passados, como as que são conduzidas por Califia (2003) e Beemyn (2013). Ao traçar uma possível historiografia da narrativa trans dentro da história da literatura, nos distanciamos do ideal heterossexual, masculino e teleológico de sujeito proposto pelo Iluminismo, corrente aqui associada aos ideais da modernidade.

Ao ler autobiografias como as de Alexina B. e de Paul Preciado, a lógica por trás do sujeito em constante crescimento e evolução é distorcida, seja pela falta de perspectivas em um futuro de Alexina B. ou pela proposital alineariedade da obra escrita por Preciado, que intercala experiências de sua vida privada com apontamentos teóricos acerca da contemporaneidade. Por conta de tais diferenças, podemos constatar que houve, do século XIX até o presente momento, uma genealogia do *Bildungsroman* trans que merece ser mais bem aprofundada e estudada.

Além disso, se de acordo com Maas (2000), a proposta de *Bildungsroman* é tão restrita a ponto de não ser possível expandir este gênero para além do cânone goethiano, as literaturas trans, cuja tradição data do século XIX, corroboram com essa visão no que diz respeito às limitações dos ideais burgueses, atualmente tão questionados pela chamada pós-modernidade e descaracterizados pelas teorias pós-estruturalistas, que abrem um vazio a ser preenchido com novas potencialidades dos sujeitos, antes que sejam preenchidos por vazios discursivos, sendo possível, portanto, expandir e apropriar-se discursivamente desse gênero, transformando-o em um dos possíveis palcos para construção de uma genealogia de obras de autoria e/ou cunho trans, cujas trajetórias dos protagonistas remetem àquela do arquétipo burguês arquitetado por Goethe, porém de uma forma totalmente subversiva de conceber a formação teleológica e as novas subjetividades do século XXI. A recente publicação e a popularidade de obras como a série *Minha luta* (2009-2011), do norueguês Karl Ove Knausgård, *O pintassilgo* (2013), da estadunidense Donna Tartt; e até mesmo a tetralogia napolitana *A amiga genial* (2011-2014), de Elena Ferrante, evidenciam que os romances de formação e educação continuam em evidência no século XXI, e portanto, é necessário preencher essa historiografia com autores *queer*, que por algum motivo foram deixados de fora da história do cânone.

É importante também pontuar que aqui traçamos uma historiografia de um *Bildungsroman* queer, que, no entanto, é também eurocêntrica, uma vez que foi em território europeu que esse gênero ascendeu. Ressalta-se a necessidade e importância de expandir os postulados aqui presentes para averiguar a presença de outras historiografias queer de romances de formação assimilados por países periféricos em relação ao ocidente capitalista, e observar de que forma há um rompimento ou uma continuidade em relação aos heróis românticos canônicos ingleses, alemães, franceses em heróis brasileiros, argentinos, chilenos, moçambicanos, angolanos, nigerianos, haitianos, cubanos, entre outras possibilidades.

No prefácio escrito para *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*, o livro de crônicas de Paul Preciado, Virginie Despentes (2020), agora ex-namorada do filósofo, rememora sua história com ele, a atração que sua presença provoca em mulheres sendo um homem trans, seu estilo de vida monástico, as ameaças de morte que frequentemente recebia (e recebe) de fascistas. Além disso, Despentes aponta para o fato de que Preciado se sente preso e limitado por aquilo que se apresenta como possível, a sua busca constante é atrás do utópico, daquelas realidades que se aparentam impossíveis, e finaliza o texto com a seguinte observação a respeito dos regimes autoritários atuais que se preocupam em exterminar todas as liberdades de pessoas *queer*, reforçando a necessidade de pensar a dimensão educadora do *Bildungsroman* por um viés *queer*, já que Despentes faz a seguinte profecia:

Pela primeira vez desde que nos conhecemos, estou mais otimista que você. Imagino que as crianças nascidas depois do ano 2000 não vão se deixar enrolar por essa estupidez – e não sei se o meu otimismo vem de um terror tão grande que me nego a enfrentá-lo, se ele vem de uma intuição correta ou se é apenas aburguesamento e a vontade de dizer a mim mesma que tudo vai ficar como está porque tenho muito a ganhar com isso. Não sei. Mas pela primeira vez na vida sinto que toda essa violência ressurgente não é mais que o último cartucho da masculinidade tradicional assassina, violadora e abusiva. É a última vez que vamos ouvi-los berrar e que eles vão nos matar nas ruas para conjurar a miséria que baliza seu pensamento. Creio que as crianças nascidas depois do ano 2000 vão perceber que manter essa ordem masculinista – ou “tecnopatriarcal”, para usar palavras suas – significa morrer e perder tudo. Acho que essas crianças lerão seus textos e entenderão suas propostas, acho que essas crianças vão amá-lo. Seu pensamento, seu horizonte, seus espaços. Você escreve para um tempo que ainda não chegou. Você escreve para crianças que ainda não nasceram e que viverão, elas também, nessa transição constante que é própria da vida (DESPENTES, 2020, p. 14-15).

Que assim seja.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BARBIN, Herculine. Mes souvenirs. In: FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin dite Alexina B*. Paris: Gallimard, 2014.

BEE MYN, Genny. A Presence in the Past: a transgender historiography. In: *Journal of Women's History* – vol. 25, n. 4, 2013. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/journals/jowh/summary/v025/25.4.beemyn.html>. Acesso em: 28 jan. 2019.

BERUTTI, Eliane Borges. *Gays, lésbicas, transgenders: o caminho do arco-íris*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

CALIFIA, Patrick. *Sex changes: transgender politics*. Jersey, NJ: Cleis Press, 2004.

DESPENTES, Virginie. Prefácio. In: PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses: une archeologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard, 1996.

HALPERIN, David. *San Foucault: para una hagiografía gay*. Córdoba: Cuadernos de Litoral, 2000.

HARAWAY, Donna J. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham; London: Duke University Press, 2016.

HUYSSSEN, Andreas. *After the great divide: modernism, mass culture, postmodernism (Theories of representation and difference)*. Bloomington: Indiana Press, 1987.

LUKÁCS, Georg. Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister. In: GOETHE, Johan Wolfgang von. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Tradução Nicolino Simone Neto. São Paulo: Ensaio, 1994.

MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

RESENDE, Marcelo Branquinho Massucatto. *Queerizando o Bildungsroman: de Alexina B. a Paul Preciado*. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 2 (2020), p. 138-156.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 09 set. 2020.

MORAIS, Fernando Luís de; NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva; BENFATTI, Flávia Andrea Rogrigues; et al. De queer a quare: uma aposta interseccional entre gênero, raça, etnia e classe. In: Itinerários – n. 48, 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/12114>. Acesso em: 22 out. 2020.

MORETTI, Franco. *O romance de formação*. Tradução de Natasha Belfort Palmeira. São Paulo: Todavia, 2020.

PRECIADO, Paul. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RESENDE, Marcelo Branquinho Massucatto. Romances *transgêneros* na literatura do século XX. In: BERLIM, Juliana; MARQUES, Jorge (orgs.). *Transliteraturas: estudo de literatura sobre personagens trans*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

MARCELO BRANQUINHO MASSUCATTO RESENDE é mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Araraquara (2019), e atualmente é doutorando em Estudos Literários pela mesma instituição. Desenvolve o doutorado com apoio financeiro da FAPESP. Dentre suas publicações, estão o artigo "Contrassexualidade em romances de formação de Cassandra Rios: uma leitura de 'Eu sou uma lésbica' e 'Georgette'" (*Entrelaces*, 2018) e o capítulo de livro "Romances transgêneros na literatura do século XX" (*Transliteraturas*, 2019).